

## As muitas artes de Maria

*Maria da Paz Trefaut*



*Ela grava, desenha, pinta, esculpe, faz cenografia, instalações e painéis de arte pública. Em tudo e sempre quer promover o encontro humano.*



Não sei o que é ter a minha idade", diz a artista plástica Maria Bonomi, de 74 anos, enquanto sobe e desce escadas em seu ateliê, uma casa de três andares no bairro dos Jardins, em São Paulo. As diferentes séries de gravuras emolduradas nas paredes dão conta do espectro de tempo materializado ali. Mas embora seu nome seja referência na história da gravura do país, sua obra é vasta de técnicas e experimentações. Dela fazem parte desenho, pintura, escultura, cenografia, instalações e painéis de arte pública em concreto, cimento e metal. O lado mais desconhecido de sua produção deriva da relação com empresas e empresários, com os quais trabalha sob encomenda. Seja para elaboração de troféus e prêmios ou para criação de painéis em residências, uma forma de arte particular.

"Meus maiores concorrentes são os sofás e a unha de gato. Só perco para unha de gato, sou mais barata do que vidrotíl", conta com uma nota de sarcasmo quando começa a falar dos custos do seu trabalho. Há muitos anos aboliu galerias e qualquer outro intermediário do processo de comercialização da sua obra. Administradora de todos os seus projetos, ela tem experimentado as

numerosas vantagens da relação direta com o consumidor. Seu ateliê é uma galeria que promove a artista.

Desde que começou a fazer painéis de arte pública, no fim da década de 1970, quando executou grandes fachadas, como a do hotel Maksoud, Maria percebeu que o mesmo poderia ser realizado em residências. Dedicou-se ao exercício e projetou fontes, cachoeiras, paredes de piscina, divisórias entre ambientes dos mais diversos materiais: concreto, alumínio, espelho, madeira.

Nessa instância de trabalho, na qual soma mais de 40 obras, ela faz parceria com arquitetos para introduzir a arte no próprio ambiente de convívio e define seu formato com o comprador.

"Não é um quadro, é muito mais, é algo que se integra na construção. E você aproveita os operários envolvidos na construção ou na reforma, quando toda a estrutura está montada. As pessoas não sabem e isso às vezes custa muito menos do que um quadro."

Na opinião de Maria, esse tipo de obra ainda é pouco divulgado no Brasil. "Aqui existe a cultura do sofá. A pessoa gasta uma fortuna num sofá que é exatamente igual a outros milhares, quando poderia ter uma parede trabalhada com uma obra perene, pensada especialmente para o local. Não estou desprezando o decorador, mas em geral ele não pensa na possibilidade de inserção da obra de arte na própria estrutura de uma residência."

O pressuposto dessa intervenção no espaço habitado é a existência de uma relação entre artista e cliente, que se desenvolve numa sucessão de encontros. É quase um trabalho de cenografia, como tantos que Maria já fez. Só que, em vez do texto, o interlocutor é uma pessoa. "Se alguém me procura para me oferecer um espaço no qual vive todo dia, eu preciso saber quem é essa pessoa e criar algo para ela contracenar."

A relação entre a artista e seu público se intensificou quando ela passou dos 50 anos. Como já tinha um nome estabelecido por causa das xilografias, os colecionadores foram a ela. "O mercado de arte é complexo. Na obra existe o custo, o valor e o preço. São três coisas diferentes. O preço em geral é dado pelas galerias e nem sempre é o valor ou o custo. Quando você trata diretamente, já eliminou o preço."

Sob seu ponto de vista, artista e empresário só têm a lucrar com a relação sem intermediários. "A partir do momento em que envelheci, comecei a me aproximar muito mais daqueles que queriam minhas obras. Antes, nem conhecia as pessoas. Ganha-se muito com o encontro humano. Se você me conta sua história, vou restituí-la a você na forma de um painel, na minha linguagem, mas vou ter que fazer uma passagem para o que você está me contando, para o que você busca. Isso é o conhecimento, a interação."

O que diferencia um trabalho totalmente pessoal de outro que parte de uma encomenda? Para Maria, nada. Muitas vezes, ela prefere até trabalhar em torno de um tema proposto por uma pessoa ou empresa a fazer algo a partir do nada. "É como fazer uma partitura para alguém." Para justificar sua tese, mostra "Integração", uma de suas gravuras recentes, realizada para celebrar a fusão Bovespa-BM&F. Diante dela, dificilmente alguém dirá que se trata de uma obra executada para o mercado financeiro. "Não acredito na inspiração, no artista diante do cavalete, que faz aquela obrinha que vai parar na casa do colecionador. Acredito no coletivo, em toda a dinâmica contemporânea da informação, na possibilidade da transformação das pessoas através dos grandes meios de comunicação. A inspiração é forjada por suas próprias forças e é uma forma de conhecimento profundo", diz a antiga discípula de Livio Abramo, que atribui ao mestre o interesse pela notícia e sua releitura em forma de arte.

"Fiz muitos trabalhos quase jornalísticos e faço até hoje. Leio uma notícia e ela me provoca." Dito isso, levanta-se e volta com um pequeno recorte de jornal. Lê em voz alta: "Os físicos estudam a ressurreição da hidra, um animal aquático que se reorganiza mesmo depois de ter seu corpo picado e centrifugado". Ri. "Trabalho muito com esse tipo de coisa esquisita. Leio uma notícia dessas e enlouqueço, começo a imaginar formas."

Sua produção mais recente esculturas baseadas em como temática o Muro de índios, a Amazônia, emoções, paixões, coisas do sonho. A exceção é feita quando trabalha por

Maria nasceu na aldeia de de uma brasileira e de um veio para o Brasil com a Morro da Viúva, no Rio, onde seu avô, Giuseppe por ter construído o edifício 1920, o primeiro Latina.

Defensora de grandes Maria estudou nos Estados encantada com a pop art. "A concerto de rock para olhar diz, ao reconhecer a publicidade e também da já há muito uma época sem não quer dizer que eu não produzo sempre pensando

Outra faceta de seu troféus de metal que empresas. É verdade que as gostam muito de se eterni-Maria vai fundo na tentativa valores.

"Pego a ideologia, o que um discurso. Você conversa mesmo, ele se reconhece, maneira, sem nenhum tipo também faz arte com Aí a obra é pensada com o empresa. "Acho muito experimentar, é sempre um Maria foi figurinista, campanhas de café,

Continua fazendo bolsas, passagem por várias grande, para ela é um fundo, estou sempre Nos períodos de dificuldade loja de molduras. O que muitas vezes se faz coisas nunca uma arte de que não dificuldades financeiras, fui fazia uma gravura

Pouco afeita a seguir Maria não se pauta por de rotina. E se a suas principais



Um troféu para a "Carta Capital" premiar empresas



Condecoração da Bunge: artista gosta de novos materiais



Frente de medalha da Mercedes: outra peça da linha



O verso da mesma medalha: valores são materializados

inclui uma série de notícias. No passado, já teve Berlim, o Holocausto, os imigração. Depois há convívio íntimo, algum dessas vivências alheias, encomenda.

Meina, perto de Milão, filha italiano. Na década de 1940 família. Primeiro morou no depois veio para São Paulo, Martinelli, era figura pública com seu nome, nos anos arranha-céu da América

formatos para a gravura, Unidos, de onde voltou pessoa não pode sair de um uma pequena iluminura", influência que teve da pop art. "Estamos vivendo intimidade nenhuma. Isso faça pequenas coisas, mas no espaço coletivo."

trabalho são os pequenos desenvolve para grandes instituições e empresas zar por meio de símbolos. E de materializar esses

eles querem fixar. "É como com o outro sobre ele mas tudo é feito à minha de concessão." Maria matérias-primas industriais. material ou com a marca da bonito usar novos materiais, desafio." Ao longo da vida, cenógrafa, fez tecidos, azulejos, xícaras.

gravatas e echarpes. Essa linguagens, que parece passeio muito pequeno. "No fazendo a mesma coisa." financeira chegou a ter uma confirma, como diz, que das quais não gosta, mas gosta. "Quando estava com fazer moldura, mas não qualquer."

esquemas preestabelecidos, horários. Sua rotina é a falta organização não é uma de características, trabalha

febrilmente, mesmo quando não está na mesa desenhando. Viagens, períodos introspectivos e de muita observação alimentam seu processo criativo. Em geral, quando chega à realização, já tem quase tudo resolvido na cabeça. "A experiência da criação da arte é extremamente solitária, angustiante e muito dolorida. Ninguém topa esse pedaço. Todo o resto é maravilhoso. Tem uns que acham que você toma um porre, pega um lápis, faz um desenhinho. Não é por aí. Papai Noel não existe. O negócio é olho por olho, dente por dente."

Grandes projetos, como os painéis que fez para duas estações do metrô de São Paulo, que podem até levar anos, sempre são muito trabalhosos. Em contrapartida, são os que mais a entusiasma. É evidente: a platéia de uma obra pública é muito maior do que a que protege uma simples gravura. Não dá para comparar uma tiragem de 10 ou 20 cópias com um painel de concreto num edifício na esquina da Paulista com a Bela Cintra. "É mentira que as pessoas não olham. Olham, sim, não são indiferentes ao que atravessa seu caminho. Nas praças, nas empresas, as pessoas veem. Olham mesmo quando passam apressadas, no meio do trânsito ou na correria do metrô." Maria acredita que a interferência do artista contemporâneo é justamente esta: agregar valor a uma coisa já existente. "A obra tem uma força própria, que transcende o artista. Aí, quando a obra e a platéia se encontram, a gente realmente prefere que ela se vá, que vá ser 'gauche' na vida."

TREFAUT, Maria da Paz. As muitas artes de Maria. **Eu & fim de semana**, São Paulo, ano 10, n. 467, p. 22-25, 25, 26 e 27 set. 2009.

A utilização deste artigo é exclusiva